

Análise gráfica das capas da revista *Vida Capichaba*

Graphical analysis of the covers of Life magazine Capichaba

Juliana C. Tonini, Letícia P. Fonseca, Heliana S. Pacheco.

Revistas, design gráfico, *Vida Capichaba*

Este artigo estuda a estrutura das capas da revista ilustrada, elaborada e impressa no Espírito Santo entre 1923 e 1957, chamada *Vida Capichaba*. Revista que nasceu despreziosa mas que com o tempo ganhou espaço na vida cotidiana dos capixabas e hoje constitui-se com um riquíssimo acervo da memória gráfica do Estado.

magazines, graphic design, Vida Capichaba

This article presents studies of covers of the illustrated magazine, *Vida Capichaba*, created and printed in Espírito Santo from 1923 to 1957. This magazine was created without great aspirations, but over the years become an important collection of the graphic memory of this state.

1 Introdução

O Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba (Nigráfica) é um grupo de pesquisa credenciado no CNPq e vinculado ao curso de Desenho Industrial da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) que, através do levantamento e análise de impressos produzidos no Espírito Santo, procura identificar o que seria característico da identidade gráfica capixaba. Com professores e alunos dessa Universidade, o Núcleo participa dos programas PIIC Ufes/CNPq e tem apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes) para o desenvolvimento das pesquisas referentes à análise das revistas produzidas no estado.

Este artigo estuda a estrutura das capas da revista ilustrada, elaborada e impressa no Espírito Santo entre 1923 e 1957, chamada *Vida Capichaba* (VC). Esta revista nasceu despreziosa, mas ganhou espaço na memória capixaba com o passar do tempo.

O editorial da primeira edição da VC, em abril de 1923, dizia que “Toda a cidade linda tem uma revista linda, que conta a sua história, que perpetua as suas emoções, que perfuma a sua galanteria, que exalta a sua elegância e que guarda, como num pequenino livro de horas, as ânsias sutis de sua vida sentimental...” E sob estas palavras, capa e miolo traziam aspectos gráficos que refletiam a prática, a tecnologia e cultura da sociedade capixaba em 34 anos de publicação.

2 Objetivos

A capa, além de representar a síntese de uma edição, funciona como se fosse a embalagem da revista. A pesquisadora e editora de revistas Marília Scalzo (2004) diz que o logotipo, a imagem e o estilo da capa formam uma marca registrada da publicação que deve manter um padrão e permitir ao leitor reconhecê-la.

Com pouco mais de três décadas de existência, a VC sofreu mudanças na sua estrutura, refletidas em suas capas. Essas modificações podem sugerir indícios sobre a identidade gráfica da revista e este artigo apresenta um panorama da estrutura e dos aspectos gráficos das capas ao longo dos anos na de busca identificar o uso sistemático dos elementos que caracterizavam seu projeto gráfico.

3 Métodos

Para a análise gráfica dos 34 anos de publicação editorial da revista *Vida Capichaba*, o Nigráfica teve como referência a metodologia de trabalho desenvolvida por outros grupos de pesquisa, como o Tipografia e Linguagem Gráfica do Centro Universitário Senac São Paulo e o Laboratório Oficina Guaianases de Gravura da Universidade Federal de Pernambuco, para que fosse possível desenvolver uma metodologia própria que atendesse as especificidades do impresso a ser analisado. Como parte essencial desta metodologia, foi desenvolvido um instrumento de coleta e catalogação dos dados obtidos no acervo da Biblioteca Pública Estadual Levy Cúrcio da Rocha (BPES). Este instrumento, nomeado pelos integrantes do grupo como "ficha de coleta de dados", visa agilizar o processo da coleta, arquivo e catalogação da amostragem obtida possibilitando estudo detalhado dos aspectos gráficos do impresso.

A primeira etapa desta pesquisa foi avaliar o acervo das revistas VC que estão disponíveis na (BPES) e definir uma amostragem para coleta de dados. Foram selecionados quatro exemplares por ano da publicação, de acordo com as datas: edição especial de carnaval, edição ordinária de junho, edição comemorativa de aniversário da revista em setembro e edição especial de natal. Devido a alguns impasses na BPES, como exemplares deteriorados, em restauração ou não disponível no acervo constatou-se uma evasão de 25 revistas na proposta determinada, o que permitiu uma amostragem de 111 revistas. Estes exemplares foram digitalizados e analisados através da tabulação dos dados obtidos na coleta de dados feita com ficha especialmente desenvolvida para este projeto (Tonini et al, 2010).

Para interpretar o montante de dados coletados e ter uma melhor visualização das principais mudanças no caráter gráfico da revista, foi criada uma planilha eletrônica que permite comparar os dados da ficha, ano por ano, década por década com possibilidade de criação de gráficos comparativos e estatísticos sobre os elementos coletados. O registro fotográfico foi uma etapa importante porque permitiu um contato prolongado do pesquisador com o objeto, tornando o processo de desenvolvimento das fichas mais eficiente e apurado.

4 Resultados

De 1923 até o final da década de 1940, as capas da *Vida Capichaba* tinham um padrão fácil de ser reconhecido, estruturado a partir de três elementos centrais: imagem, logotipo e cabeçalho, conforme se pode notar na (Figura 1).

Figura 1: Capas da VC edições, (a) nº 112, ano 1928 e (b) nº 158, ano 1938.



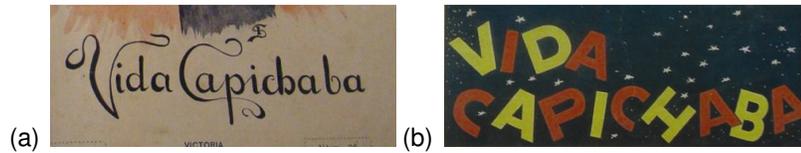
As capas com fotografia geralmente traziam paisagens do estado, seja da capital ou do interior, figuras femininas ilustres do cenário sociocultural capixaba, crianças ou políticos. Já nas capas com uso da ilustração, também foi possível perceber a forte presença da figura feminina, as melindrosas, e principalmente, os símbolos representativos das datas comemorativas em questão, como o papai noel no natal e pierrôs ou colombinas no carnaval.

Dentro da amostragem coletada, é possível notar maior quantidade de capas com utilização de fotografia, sendo que esse recurso foi predominante nos anos de 1940 e 1950. No entanto, as capas ilustradas tiveram uma presença significativa (36% da amostragem) ao longo da sua veiculação, principalmente nas décadas de 1920 e 1930, sendo possível dar destaque a quatro ilustradores principais: Oseas, Regisnando Santini, Ragaciano e Mazzei.

Junto à imagem da capa havia sempre o logotipo “Vida Capichaba”, que a cada edição era desenhado e composto de maneira diferente, configurando vários *letterings*. Fátima Finizola, pesquisadora em tipografia, define *letterings* como “a escrita em que a forma visual, representada pelas letras e o modo pelo qual elas são formatadas e combinadas, tem uma formalidade e uma importância acima da legibilidade” (FINIZOLA, 2010, p. 37). No caso da revista *Vida Capichaba*, a sua marca visual vinha impressa nas capas em diversas maneiras sem constituir um logotipo ou símbolo único. Portanto, convencionou-se chamar a marca visual da revista de *lettering*, ao invés de logotipo, e torna-se importante ressaltar a diversidade de estilos e soluções gráficas inusitadas utilizadas na construção desses *letterings* que constituem um riquíssimo acervo de diferentes letras e famílias tipográficas. Os *letterings* podiam ser usados com base tipográfica impressos por tipos móveis, em forma de letreiramento¹ ou em forma cursiva, impressos por zincogravura. Além da base viabilizada por meio da técnica de impressão que acabava conferindo características comuns ao *lettering*, esses também podiam vir estruturados na capa em várias disposições e estilos. No entanto, observa-se um número muito próximo de capas com *lettering* na parte superior e na parte inferior da página.

¹ O termo “letreiramento” foi usado pela pesquisadora Fátima Finizola em sua pesquisa sobre a Tipografia Vernacular Urbana da cidade de Recife com sentido restrito da palavra, relacionada à atividade de projetar letras, palavras ou frases para fins específicos a partir de um processo construtivo baseado no desenho. No caso desta pesquisa, o termo letreiramento refere-se aos *letterings* que não eram impressões por tipos móveis nem que possuíam famílias tipográficas com fontes cursivas.

Figura 2: (a) *Letterings* das capas da VC edições de junho de 1927 e (b) junho de 1935.



O terceiro elemento constituinte das capas é o cabeçalho, registrado em 85% da amostragem. Trazia informações sobre a data, o local, o número do exemplar e o ano de publicação da revista. Podia aparecer disposto na parte superior ou inferior da capa acompanhando o *lettering*. Na maioria dos casos, era composto graficamente de maneira sutil, com fonte leve sem serifa, corpo reduzido e com poucos ornamentos ou grafismos, para poder se configurar como uma informação secundária e complementar à marca visual. Acredita-se que era composto e impresso por tipos móveis e supõe-se que a ausência do cabeçalho se dava a partir de alguma limitação técnica, pois muitas capas, que possuíam o *lettering* em forma de letreiramento ou cursiva, não possuíam o cabeçalho.

A partir dos anos de 1950 percebem-se mudanças significativas na estrutura das capas e, por intermédio da Figura 3, pode-se notar que a edição de 1951 apresenta-se como uma ruptura em relação à estrutura utilizada até esse período. A composição da página deixa de ter aquela tradição de “imagem – *lettering* – cabeçalho” e passa a dar destaque à matéria principal, com uso de chamada na capa. As informações que constituíam o cabeçalho são desmembradas e compostas em posições diferentes na página. Há uma nítida mudança, inclusive na composição das imagens, pois geralmente predominava o uso de apenas uma imagem por capa e, nessa edição, é possível notar a utilização da fotomontagem que interage com o título da chamada da matéria principal. Na edição de fevereiro de 1952, percebe-se o uso da imagem sangrada na página, recurso que não era comum na *Vida Capichaba* até a década de 1950. O cabeçalho desaparece e a capa fica mais *clean*, valorizando a imagem. É válido ressaltar que muitas capas da revista no final dos anos 1940 e início da década de 1950 possuíam um visual muito semelhante entre uma edição e outra, formando uma espécie de coleção. Tais características podem ser notadas pela repetição sistemática de alguns elementos gráficos, como a utilização de fotografias de pessoas ilustres emolduradas e decoradas com ornamentos em quase todas as edições de um mesmo ano ou o uso do mesmo *lettering* em várias edições, conforme Figura 4.

Figura 3: (a) e (b) duas capas da VC de 1952 com novos padrões gráficos e (c) capa da VC n° 615, ano 1951 que rompe com a estrutura mantida como padrão.



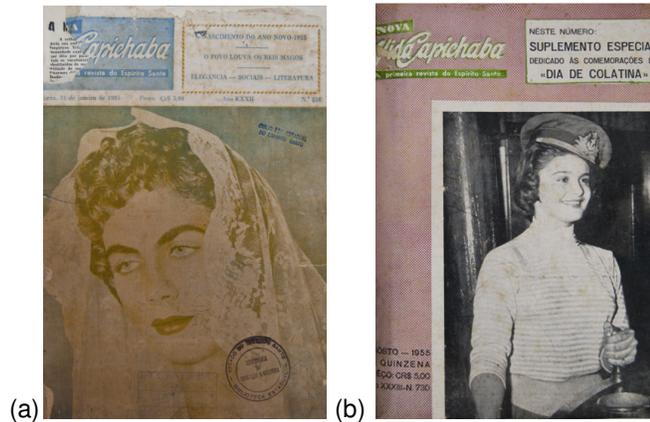
Figura 4: (a) e (b) duas capas da VC da década de 1930 que possuem características em comum formando uma espécie de coleção.



Mudança no padrão das capas

No ano de 1955, a VC estabeleceu um novo padrão de composição de suas capas. Conforme a Figura 5 nota-se que, nesse período, há a utilização sistemática de um espaço determinado para a imagem da capa, que passou a ocupar 3/4 da página verticalmente, deixando espaço na lateral esquerda para a adoção de chamadas para as matérias principais e, no topo da página, percebemos a inovação com o uso de logotipo com o nome da revista. A marca visual da *Vida Capichaba* deixa de ser mutável em forma de *lettering* especialmente desenhado para a capa, e tal logotipo passa a vir formatado sempre no canto superior esquerdo, às vezes dentro de um *box*. Era composto por três elementos principais: as palavras “Vida Capichaba” em letra cursiva como informação principal; depois, como informações secundárias, a palavra “nova”, que indicava uma mudança na revista: a “Nova Vida Capichaba” e, por último, mais um subtítulo: “a primeira revista do Espírito Santo”. Outra mudança significativa e que pode ser observada em várias capas desse período são as fotografias na maioria das vezes sangradas na lateral direita da página e compostas de maneira a interagir com as chamadas das matérias.

Figura 5: Capas da VC edições, (a) nº 656, ano 1955 e (b) nº 730, ano 1955. Ambas com o novo padrão gráfico da revista.



Em fevereiro de 1956, a estrutura da capa muda novamente e apenas algumas características do padrão dos anos de 1955 são mantidas, como a utilização de chamada das principais matérias e o espaço vertical destinado à imagem. Na Figura 6, percebem-se como as capas desse período misturam recursos gráficos adotados anteriormente, alguns do padrão no início dos anos 1950 e outros do padrão de 1955. O logotipo usado em todas as edições de 1955 dá espaço a um *lettering* com tipografia sem serifa, *bold* e em caixa alta, que passa a representar a marca visual. Tal *lettering* apresenta-se disposto em uma faixa no topo da revista, centralizado horizontalmente e ocupando toda a largura da página, diferentemente do anterior, que era usado no canto superior esquerdo da faixa. É possível observar que as capas dessa época possuíam uma cor predominante para o fundo e que as fotos vinham impressas apenas em tons de preto sobre esse fundo, ocupando 3/4 do espaço vertical da página. A revista permaneceu com essa estrutura até a sua última edição, em fevereiro de 1957.

Figura 6: Capas da VC edições, (a) nº 750, ano 1956 e (b) nº 745, ano 1956.



5 Conclusões

Concorda-se com a pesquisadora Julieta Sobral (SOBRAL 2007, p. 22) que a atividade de design gráfico da época atendia amplamente às demandas contidas no conceito da atitude. Mesmo com a grande variedade e diversidade de soluções, é possível identificar o uso sistemático de elementos gráficos nas capas da VC que se configuravam como padrões gráficos e estéticos em determinados períodos. Essas características comuns às capas conferiam uma identidade à revista e faziam com que o periódico pudesse ser reconhecido pelo

seu público. Ao passo que essa identidade gráfica era construída a partir do uso sistemático de alguns elementos, o conhecimento do profissional em questão, o uso das ferramentas, da linguagem e da tecnologia do período possibilitavam a experimentação de novas técnicas e recursos gráficos que só podiam ser empregados no periódico sem alterar a identificação com o seu público a partir de um projeto gráfico pré-determinado. Tal projeto não pode ser entendido nos moldes de um projeto gráfico para o mercado editorial na atualidade, no entanto, sabemos que sem essa prática a revista não existiria tal como a conhecemos.

6 Referências

Finizola, Fátima. *Tipografia vernacular urbana: uma análise dos letreiramentos populares*. Editora Edgard Blucher, São Paulo 2010.

Scalzo, Marília. *Jornalismo de revista*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Sobral, Julieta. *O desenhista invisível*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2007.

Tonini, Juliana Colli; PAIVA, Rayza Mucunã; TORRES, Camila Lombardi (IC); DUTRA, Thiago Luiz Mendes (IC); FONSECA, Letícia Pedruzzi, MS; PACHECO, Heliana Soneghet, PhD; Desenvolvimento da "Ficha de Coleta de Dados" para a análise gráfica da revista Vida Capichaba. *Anais do Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Design* (São Paulo: 9 Congresso P&D, 2010)